

**Amanhecer historiográfico:
A História do Tempo Presente em Araranguá/SC
a partir das análises sobre a BR-101.**

Daniel Alves Bronstrup¹.

RESUMO:

Pensar na historiografia de uma cidade pequena e do interior muitas vezes causa certo desconforto perante os colegas historiadores. Mas, quebrando preconceitos e procurando disseminar a discussão sobre a História do Tempo Presente fora dos eixos acadêmicos, proponho, neste artigo, uma análise da história de Araranguá que, por muito tempo, foi fundada em uma história tradicional com seus mitos e heróis, e ao que tudo indica possuía uma data limite de encerramento. A cidade tem na sua proximidade com a rodovia BR-101 um grande diferencial econômico perante suas vizinhas, mas a partir de sua duplicação, iniciada em 2004, foi proposto um desvio que alonga as distâncias entre cidade e rodovia. O interessante é que esse desvio foi proposto pela própria população através de suas entidades organizadas, mas que gerou um extenso debate entre o grupo que se opunha ao desvio. Através desse tema, proponho-me em iniciar a discussão sobre História do Tempo Presente em Araranguá.

Palavras-chave: Araranguá, Duplicação, Rodovia, Tempo Presente.

1. LABIRINTOS DA HISTÓRIA.

A História Cultural foi descartada pelos seguidores de Leopold von Rank, considerada marginal ou amadorística, já que não era baseada em documentos oficiais dos arquivos e não ajudava na tarefa de construção do Estado.²

A História do século XIX foi utilizada pelos estados nacionais europeus como uma ferramenta para a construção de identidades nacionais. Podemos citar a Alemanha e a Itália, que, após a unificação, construíram suas histórias nacionais. No Brasil, esta prática não foi diferente. Com a proclamação da República em 1889, as elites que assumiram o poder precisavam reescrever a história, criar momentos fundadores e construir heróis para despertar no povo uma identidade com o Estado Brasileiro e não mais com a Família Real. Essa História passou a ser contada através de uma única ótica,

¹ Graduado em História pela Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC, mestrando em História do Tempo Presente pela Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC.

² BURKE, Peter. **O que é história cultural?**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Tradução Sérgio Góes de Paula. 2005, p. 17.

era uma história política celebrando as grandes conquistas do passado e os vencedores. Suas fontes para a pesquisa eram documentos oficiais do governo. Teóricos como Augusto Comte e Leopold Von Ranke reforçavam a idéia de uma história oficial para o Estado. Essa história, também conhecida como tradicional, é ensinada nas escolas e está presente na maioria dos livros didáticos brasileiros.

Entretanto uma nova linha de pesquisa surgiu com a Escola dos Annales, a qual passou a considerar que “o acontecer histórico se faz a partir das ações dos homens”.³ Segundo Peter Burke, com isso “a história acabou se expandindo e se fragmentando”,⁴ ou seja, expandindo-se nas formas de fonte e fragmentando-se nas mais variadas temáticas, não tendo apenas a política como único assunto. Sob a sigla da Nova História, já na terceira geração, essa linha de pesquisa deixou de se basear somente em documentos escritos, e todo objeto referente às ações humanas passaram a ser considerados como fonte histórica. A partir dessas fontes, os novos historiadores formulam suas versões sobre o passado. Dessa forma, a história vai determinando regimes de verdade, mas não uma certeza absoluta⁵. Assim o historiador tem um leque de variadas fontes, cabe a este saber a melhor maneira de analisá-las. Para Sandra Pesavento, o “historiador é semelhante ao trapeiro, vai recolhendo fragmentos e cacos do passado”.⁶

A partir da segunda metade do século XX, a História acompanha o surgimento de um novo campo científico que fica conhecido como História do Tempo Presente, História bem contemporânea ou História Imediata. Esse campo historiográfico surge na Europa, após a traumática experiência com a Segunda Guerra Mundial. De acordo com Henry Rousso, Segunda Guerra foi o acontecimento que trouxe muitas inovações em diversos campos, e que possuíram uma certa continuidade. Portanto, segundo Rousso,

³VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha; KHOURY, Yara Maria Aun. O documento: atos e testemunhos da história. In: **A pesquisa em História**. São Paulo: Ática, 1989, p. 12-28.

⁴BURKE, Peter (org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: UNESP. Tradução Magda Lopes, 1992. p. 8.

⁵PESAVENTO, Sandra. Mudanças epistemológicas: a entrada em cena de um novo olhar. In: **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 51.

⁶PESAVENTO, Sandra. **Exposições universais: espetáculos da modernidade do século XIX**. São Paulo: Ed. Huitec, 1997. p.40.

O importante aqui não é identificar uma ruptura por mero gosto pela periodização, mas sim assinalar o fato de que nosso tempo presente foi condicionado em seus modos de pensamentos, em sua organização social, em seu espaço internacional, muito mais pela Segunda Guerra Mundial do que pela Primeira Guerra Mundial [...]⁷.

Assim, a História do Tempo Presente começa a se interessar por assuntos relacionados ao pós-guerra, e que são muitas vezes objetos diretamente relacionados ao presente vivido. Ainda sobre esse período, Durval Muniz de Albuquerque aponta que é a partir daí que se inicia o pós-modernismo, ressaltando também que a Segunda Guerra utiliza simbolicamente as bombas atômicas como momento de ruptura e de fracasso da modernidade. Com isso “todas as promessas das filosofias da história do século XIX, de uma história teleológica, atravessada pela razão em direção à civilização, ao progresso, à liberdade, à igualdade, e à fraternidade são calcinadas junto com milhares de japoneses”⁸.

Portanto esse ato vai simbolizar uma ruptura em vários aspectos no século XX. Muitos teóricos vão chamar de sociedade pós-moderna, ou seja, uma sociedade que apresenta novos valores, novos símbolos de tecnologia e que Jameson vai chamar de “sociedade do espetáculo”⁹. De acordo com o autor, estaríamos na terceira idade da máquina, na qual:

[...] nossa tecnologia não está mais representada pela turbina, ou pelos silos ou chaminés de fábricas de Sheeler, nem pela elaboração barroca das tubulações e das esteiras transportadoras, ou mesmo pelo perfil aerodinâmico dos trens [...], mas antes pelo computador, cuja forma exterior não tem nenhum apelo visual ou emblemático, ou então pelo invólucros das várias mídias, como o desse eletrodoméstico chamado televisão que não articula nada, mas implode, levando consigo sua própria superfície achatada¹⁰.

Se na primeira metade do século XX, os trens, as fábricas e a máquina propriamente dita, representam a tecnologia, o novo, o desenvolvimento e o progresso, vemos a partir da segunda metade um alastramento dos meios de comunicação, que vão fazendo parte cada vez mais do cotidiano das pessoas. São eles que vão simbolizar os

⁷ ROUSSO, Henry. A História do Tempo Presente, vinte anos depois. In: PORTO JR, Gilson(org). **História do Tempo Presente**. Bauru: Edusc, 2007, Tradução Norma Domingos, p.280.

⁸ ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. **História: a arte de inventar o passado**. Bauru: Edusc, 2007. p.56

⁹ JAMESON, Frederick. **Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio**. 2. Ed. São Paulo: Ática, 1997. p.45.

¹⁰ Idem, p. 63.

“novos tempos”, além disso, vão vencer a barreira da distância. O rádio, a televisão, o telefone e mais recentemente a internet, com sua comunicação instantânea de áudio e som, vão realizar o sonho que já era de certa forma imaginado no desenho “Os Jetsons”¹¹. Além disso, vão transformar qualquer anônimo em um grande astro da noite para o dia, transformar nossas relações num espetáculo através dos “reality shows”, e influenciar até mesmo nossa escrita.

2. POR UMA HISTÓRIA DO PRESENTE:

O Tempo Presente vai proporcionar novos caminhos para a História também. Essa “sociedade do espetáculo” vai transformar os fatos históricos em acontecimentos heroicos, espetaculares, memoráveis, que serão retratados nas telas de cinema. Além disso, passa a ser muito comum o lançamento de livros e revistas de História produzidos por outros profissionais sem um embasamento teórico. Tal modelo será chamado por Beatriz Sarlo¹² de “História de grande circulação”, na qual a escrita preconizará a venda, como um produto.

O que venho chamar a atenção é que a própria sociedade vai influenciar na forma de disseminar o conhecimento histórico para a massa, que será de forma cada vez mais mercadológica e terá como característica um dos principais aspectos da sociedade pós-moderna: a falta de profundidade ou densidade¹³.

Entretanto, SARLO vai apresentar também a “História Acadêmica”, que estará “(...) mais preocupada com regras internas do que com a busca de legitimações externas que, se são alcançadas por um historiador acadêmico, podem até originar a desconfiança de seus pares”,¹⁴ ou seja, esse modelo de história vai oferecer hipóteses.

A partir desse modelo, voltamos nossas atenções para a História do Tempo Presente, que como já foi mencionado, possui uma produção forte a partir da Segunda

¹¹ Foi uma série animada de televisão produzida pela Hanna-Barbera de 1962 a 1963, exibida no Brasil pela TV Excelsior, e depois de 1985 a 1987, exibida pelo SBT. Essa série introduziu no imaginário da maioria das pessoas o que seria o futuro da Humanidade: carros voadores, cidades suspensas, trabalho automatizado, toda sorte de aparelhos eletrodomésticos e de entretenimento, robôs como criados, etc (wikipédia).

¹² SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p.13.

¹³ JAMESON, Fredric. *op. cit.* p.45.

¹⁴ SARLO, Beatriz. *op. cit.* p.15.

Guerra Mundial e tem sua aceitação principalmente pela “proximidade e o peso dos assuntos abordados”.¹⁵

Apesar de ter uma grande aceitação, a História do Tempo Presente ainda está concentrada em discussões nas universidades das capitais brasileiras e em eventos da área. Contrariando essa lógica, analisaremos a história do município de Araranguá¹⁶, que também sempre esteve pautada em uma história oficial, que enfatiza a política e a economia, compreendendo períodos de tempo que vão desde os primórdios do município até os dias atuais.

A maioria dos autores que produziram as primeiras pesquisas eram padres interessados em uma história vinculada com a própria religião. Apesar de Araranguá ter sido emancipada da cidade de Laguna em 1880, a sua primeira obra historiográfica foi publicada somente cem anos depois da criação do município, em 1987, com o livro *Memórias do Araranguá*. Organizado pelo Padre João Leonir Dall’Alba através das anotações do diário de Bernadino de Senna Campos, esse livro relata um período (1873-1930) da vida de um morador de Araranguá, que era natural de Florianópolis, e possuía emprego na cidade como telegrafista. Suas amizades com os políticos influentes da época tornavam-no uma pessoa conhecida e respeitada. Após a segunda edição deste livro, em 1989, somente em 1994 Araranguá teria a “sua história” publicada em livro de autoria do padre Paulo Hobold. O livro *A história de Araranguá: reminiscências desde os primórdios até o ano de 1930* tornou-se a primeira obra a falar exclusivamente da história da cidade. Entretanto, ela se restringia até o ano de 1930, a mesma data final das lembranças de Bernadino de Senna Campos. Na década de noventa, mais precisamente em 1997, foi publicado o livro *Histórias do grande Araranguá*. Esse livro contém uma coletânea com mais de cem entrevistas realizadas na década de oitenta pelo padre João Leonir Dall’Alba com antigos habitantes do imenso município que se constituía Araranguá no início do século XX. Apesar de não conter nenhuma análise do autor, o livro chama a atenção por publicar as memórias de pessoas “importantes” e “anônimas” da história araranguaense. Quase dez anos depois, o livro de Paulo Hobold seria “completado e atualizado” por Alexandre Rocha.

¹⁵ ROUSSO, Henry. **A História do Tempo Presente, vinte anos depois**. In: PORTO JR, Gilson(org). História do tempo presente. Bauru: Edusc, 2007, Tradução Norma Domingos, p.283.

¹⁶ Situado no extremo sul de Santa Catarina, próximo 30 km da cidade de Criciúma, está a 220 km da capital Florianópolis.

O autor lançou, em 2005, uma reedição do livro *A história de Araranguá*. Este agora analisava momentos históricos já trabalhados pelo padre Hobold na primeira versão (até 1930) e completava-o com a história de 1930 até o ano da publicação. O autor também procurou retratar aspectos culturais, ecológicos e geográficos do município.

Todas essas obras mencionam a existência da estação ferroviária¹⁷, que foi de muita importância para o município na metade do século XX, mas por algum motivo os historiadores araranguenses não perceberem a relevância da rodovia BR-101 atualmente na vida cotidiana da cidade. Provavelmente ainda estavam preocupados em pesquisar eventos/temas encerrados. Por esse motivo, a história da BR-101 aparece pouco em pesquisas históricas da cidade, e quando é mencionada tem a função de ser o ponto final da história (como no caso da história da ferrovia) ou é pano de fundo (quando se trata de pesquisas nas áreas econômicas).

Assim, veremos como a História do Tempo Presente pode ser escrita em Araranguá através da análise de acontecimentos relacionados a BR-101.

A cidade de Araranguá sempre perseguiu, em sua história, características que a deixassem com “ares de modernidade”. A sensação destes dois mundos, atraso e modernidade, fizeram parte do imaginário da cidade durante o período de substituição do transporte ferroviário pelo rodoviário. Em Araranguá a população vibra com a chegada da ferrovia na proximidade de seu centro urbano no início do século XX, e na década de 1960 gerações posteriores acabaram por celebrar a desativação dos trilhos e o investimento em obras ligadas ao transporte rodoviário.

Pode-se perceber isso ao analisarmos alguns momentos de sua história em que determinadas obras são vistas pelo poder público como prioritárias. Pesquisando a rodovia BR-101, podemos compreender algumas mudanças na postura da cidade em virtude de determinados debates em relação a sua implantação e a sua duplicação. A mudança será principalmente nas expectativas da população em relação à obra.

Nos anos 1970, quando foi concluída a construção e pavimentação da rodovia BR-101¹⁸, nota-se que as obras não ocorreram da melhor maneira possível. Na região,

¹⁷ Estação Ferroviária do Bairro Barranca pertencia a Ferrovia Tereza Cristina e funcionou entre os anos 1930 a 1968. Esta estação e o bairro em torno dela foram temas de pesquisas relacionadas ao meu TCC em História.

¹⁸ Então chamada de BR-59.

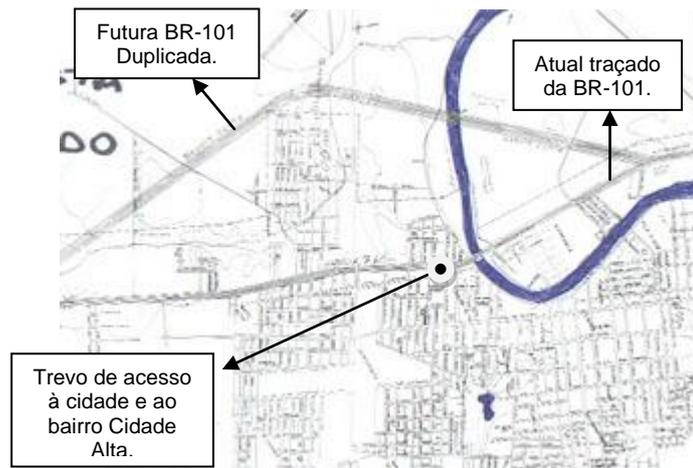
são vários os jornais que questionam a morosidade dos trabalhos. Em 1964, o jornal O Sul traz uma extensa reportagem intitulada: “Conclusão da BR-59 em Santa Catarina”. Nessa reportagem é feita uma pequena retrospectiva dos fatos que se sucederam até o presente momento em que as obras se encontravam estagnadas. O texto julga como motivo da paralisação a falta de recursos financeiros. Por fim, ressalta o trabalho do Deputado Federal Diomício Freitas na busca da conclusão das obras e finaliza dizendo que “dentro em pouco as obras da BR-59 serão aceleradas, ficando o sul de Santa Catarina com uma rodovia de primeira classe, por onde circularão nossas riquezas, acionando o progresso ascensional de nosso Estado”¹⁹.

Tendo em vista esta percepção, a cidade de Araranguá esperava aquela que seria uma obra vital para a sua vida econômica. Durante as décadas de 1970, 1980 e 1990 a BR-101 passou a influenciar não só positivamente, mas também de forma negativa a vida da cidade. Tal rodovia ajudou a constituição de bairros em sua adjacência, facilitou a chegada de turistas para as praias do município e chamou a atenção da mídia nacional para as cheias do rio Araranguá, quando este invadia a rodovia. Entretanto, problemas ligados a atropelamentos, poluição sonora e ambiental, acidentes e congestionamentos equilibram de forma negativa as expectativas da população araranguense em relação a esta obra.

A partir de 1998, começam os debates para a duplicação da rodovia, e na cidade instaura-se uma discussão que envolveu várias entidades civis organizadas. Como exemplo pode-se citar ONG's, associações de moradores, associações comerciais e industriais e representantes do poder público. O tema agora seria a mudança no traçado da rodovia, desviando-a de seu trajeto atual e fazendo-a contornar o perímetro urbano da cidade através de um desvio de quase 7 Km de percurso²⁰.

¹⁹ Conclusão da BR-59 em Santa Catarina, **Jornal O Sul** (Araranguá), 16/02/1964.

²⁰ SANTOS, Juliana Vamerlati. **Atuação de uma organização não-governamental na luta pela conscientização e preservação ambiental no sul de Santa Catarina**. 2003. 72 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Federal de Santa Catarina – Florianópolis.



Planta do projeto “Desvio pela Vida”²¹.

Após intensos debates políticos²², as quarenta e nove entidades civis organizadas conseguem sensibilizar as entidades governamentais para a aprovação do desvio em Araranguá. Portanto, a BR-101 em Araranguá terá um novo traçado, ela será afastada da cidade. O discurso que imperou durante o século XX, de querer ficar próximo ao desenvolvimento, ao progresso, parece não dominar o imaginário da população araranguaense.

Isso demonstra que o discurso ambiental perdurou sobre o conhecido discurso do progresso. Assim, pode-se afirmar que a população araranguaense passou a pensar em outras modernidades que estavam ao seu alcance, e não contra a modernidade, tendo em vista que a obra será mais cara, pois exigirá a fundação de elevados para transpor as regiões de banhados, mas ela estará presente de forma menos agressiva a cidade de Araranguá, na visão de seus moradores.

²¹ Fonte: www.desviopelavida.blogspot.com. <acessado 27/11/2010> Adaptado por Daniel Alves Bronstrup.

²² Que serão tratados com mais atenção no decorrer de minha dissertação.



Construção do desvio em 2010 sobre os banhados do rio Araranguá²³.

Este movimento vai ficar conhecido como movimento Pró-Araranguá e a campanha, encabeçada principalmente pela ONG Sócios da Natureza, terá como título: “Desvio pela Vida”. É bem provável que esse título sugestivo seja uma resposta encontrada ao apelido dado a trecho sul da BR-101 pelos meios de comunicação regionais de “Rodovia da Morte”.

Além de conseguir mudar o traçado da rodovia no perímetro urbano da cidade, esse movimento também receberá, como homenagem, um monumento que será erguido no atual trevo de acesso à cidade, quando o desvio for inaugurado e esse trecho passará para a municipalidade. Segundo Tadeu Santos²⁴, um dos líderes do movimento, o monumento marca a vitória da união da população de Araranguá contra o descaso do governo federal com o impacto da obra na cidade.

Mas não podemos deixar de comentar que nem todos estavam a favor do desvio, como é o caso de um protesto noticiado pelo jornal Correio do Povo com o título “Manifestantes às margens da rodovia em Araranguá”:

Produtores de arroz, comerciantes e representantes da Associação de Proteção de Aves e Animais Nativos de Araranguá (SC) ocuparam ontem as margens da BR 101, nas proximidades do quilômetro 410, onde está prevista a construção de desvio de 7 quilômetros, conforme projeto de duplicação da rodovia no trecho catarinense. Com tratores, faixas e camisetas, os manifestantes entregaram panfletos a motoristas, alertando que o contorno atingirá uma região de nascentes de água e destruirá matas ciliares, além de prejudicar o cultivo de arroz e o comércio dos estabelecimentos na região.²⁵

²³ Fonte: www.engeplus.com.br <acessado 27/11/2010>.

²⁴ Entrevistado em 29/07/2010 por Daniel Alves Bronstrup.

²⁵ Fonte www.newslog.com.br <acessado em 27/11/2010>.

Contudo, o monumento será reservado para lembrar os debates da sociedade araranguense em torno da construção do desvio na duplicação da BR-101 em Araranguá. E além disso, ficará num local lembrado como antiga entrada da cidade.



Projeto do monumento “Desvio pela Vida”²⁶.

Esse movimento e seus resultados provocarão profundas mudanças na cidade, já que, se analisarmos o crescimento urbano nas décadas de 1980 e 1990, percebemos um alastramento de bairros e loteamentos em direção a BR-101. Segundo o relatório intitulado “Diagnóstico do Município de Araranguá” são feitas as seguintes observações:

No final da década de 50, denota-se o reflexo da expansão do sistema rodoviário nacional – a BR 101, que irá estimular a alteração da forma concêntrica de crescimento da cidade para a forma linear, alongando a malha viária em direção sudoeste, para se fazer o acesso com a BR. Começam a ser construídos os primeiros loteamentos urbanos que formarão os bairros de Alto Feliz, Cidade Alta e Mato Alto. O crescimento concêntrico não é totalmente desfigurado, pois os bairros Vila São José e Urussanguinha, também através de loteamentos, serão formados a partir deste período. Sem dúvida que o acesso rápido a BR estimulou o crescimento econômico e populacional da cidade, fortalecendo sua vocação inata de pólo econômico do extremo sul.²⁷

²⁶ Fonte: www.casa.org.br <acessado 27/11/2010>.

²⁷ PERES, Arlis Buhl; LUCENA, Liliane, MEDEIROS, Rodrigo A. et al. **Diagnóstico do Município de Araranguá**. Tubarão: Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL); Prefeitura Municipal de Araranguá (contratante).

Além disso, o Bairro Cidade Alta, principal entrada da urbe, onde atualmente consta uma grande quantidade de comércio como revendas de automóveis e caminhões, hotéis, lanchonetes e restaurantes, estará deslocado de sua principal via de sustentabilidade econômica, a rodovia.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

A cidade de Araranguá, por ser interiorana, está distante de possuir uma variedade de pesquisas históricas publicadas. Os livros são de pessoas interessadas em contar o passado, mas que não se preocupavam com o método. Em 2005, com a publicação do livro História de Araranguá: edição atualizada e contextualizada por Alexandre Rocha, é que temos um profissional formado na área publicando seu trabalho. Esse passa a ser o referencial historiográfico para pessoas interessados na história de Araranguá. Apesar disso, como já comentamos, o livro prende-se a partir dos anos 1980, principalmente sobre a política araranguaense. Talvez possamos entender analisando o perfil do autor, militante político do Partido dos Trabalhadores.

Além desse trabalho, encontramos pesquisas em forma de Trabalho de Conclusão de Cursos de História das universidades regionais, as quais absorvem muitos estudantes araranguaenses, mas que pouco discutem sobre a História do Tempo Presente.

Por esse motivo, o tema e a discussão deste artigo deixam claro a intenção expressa no título: “amanhecer historiográfico”, ou seja, um novo tempo de discussão sobre o pensar e fazer a história da cidade de Araranguá. Não que este modelo esteja mais correto, ou que ele contenha mais verdades, mas sua importância está em tratar de assuntos imediatos, buscando discutir, criticar, analisar temas que podem gerar benefícios ou prejuízos para as pessoas. Por isso, diferente daquela visão tradicional de História, em que tal é vista como a ciência do passado, a História do Tempo Presente está relacionada a algum objeto que tem vínculo direto com o presente, no qual a “proximidade” e o “peso dos assuntos abordados” é o que faz o historiador ter de volta o seu “papel cívico” ou sua “função social”²⁸.

²⁸ ROUSSO, Henry. A História do Tempo Presente, vinte anos depois. In: PORTO JR, Gilson (org). **História do Tempo Presente**. Bauru: Edusc, 2007, tradução Norma Domingos. p. 283.

Pensando nesta função social apontada por Henry Rousso, Durval Muniz usa algumas palavras para celebrar nosso trabalho:

Se já não se produz a história para servir de base para a construção da memória da nação e de quem a domina, se já não se produz a história para afirmar a superioridade de nossa civilização, frente às civilizações anteriores e às sociedades contemporâneas não ocidentais e se já não produzimos a narrativa das condições necessárias para a vitória inevitável da revolução, parece que nosso ofício perde a sua finalidade, ele se torna sem sentido e a história chega ao fim. Ora, não nos desesperaremos como Bouvart e Pécuchet, pois, enquanto a sociedade demandar por narrativas históricas, enquanto os homens precisarem de uma narrativa do passado para orientar suas experiências presentes, continuaremos sendo necessário [...]²⁹.

Portanto pode ser em São Paulo, Florianópolis ou em Araranguá, não importa o tamanho e a importância da cidade, o que precisamos é de mais historiadores engajados nas discussões atuais e participando dos debates através de suas pesquisas. E por este motivo, a História do Tempo Presente proporciona um campo aberto e bem variado de opções de temas. E por isso, de acordo com o pensamento de ROUSSO, venho concluir que é difícil de imaginar a História do Tempo Presente como uma História do passado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. **História: a arte de inventar o passado**. Bauru: Edusc, 2007.

BURKE, Peter (org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: UNESP. Tradução Magda Lopes, 1992.

_____. **O que é história cultural?**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. Tradução Sérgio Goes de Paula. 2005, 191 p.

JAMESON, Frederick. **Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio**. 2. Ed. São Paulo: Ática, 1997. 431 p.

PESEVENTO, Sandra. **Mudanças epistemológicas: a entrada em cena de um novo olhar**. In: História e História Cultural. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

_____. **Exposições universais: espetáculos da modernidade do século XIX**. São Paulo: Ed. Huitec, 1997.

²⁹ ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. **História: a arte de inventar o passado**. Bauru: Edusc, 2007. p. 64-65.

ROUSSO, Henry. A História do Tempo Presente, vinte anos depois. In: PORTO JR, Gilson (org). **História do Tempo Presente**. Bauru: Edusc, 2007, tradução Norma Domingos.

SANTOS, Juliana Vamerlati. **Atuação de uma organização não-governamental na luta pela conscientização e preservação ambiental no sul de Santa Catarina**. 2003. 72 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Federal de Santa Catarina – Florianópolis.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. 129 p.

VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha; KHOURY, Yara Maria Aun. O documento: atos e testemunhos da história. In: **A pesquisa em História**. São Paulo: Ática, 1989.

Outras referências:

PERES, Arlis Buhl; LUCENA, Liliane, MEDEIROS, Rodrigo A. et al. **Diagnóstico do Município de Araranguá**. Tubarão: Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL); Prefeitura Municipal de Araranguá (contratante).

Tadeu Santos (60 anos). Entrevista concedida a Daniel Alves Bronstrup em 29/07/2010. Reside no centro de Araranguá.

www.desviopelavida.blogspot.com <acessado 27/11/2010>

www.engeplus.com.br <acessado 27/11/2010>

www.casa.org.br <acessado 27/11/2010>

www.newslog.com.br <acessado em 27/11/2010>.

Conclusão da BR-59 em Santa Catarina, Jornal O Sul (Araranguá), 16/02/1964.